

VILÉM FLUSSER

A civilização pode ser contemplada de dois pontos de vista. Na extrespecção ela se apresenta como conjunto de instrumentos e instituições que imprime forma sobre o caos "natural" que nos cerca. Nessa visão é a civilização aquilo que estabelece o nosso cosmos. Na introspecção ela se apresenta como conjunto de valores que imprime forma sobre o caos "inarticulado" que somos intimamente. Nessa visão é a civilização aquilo que dá significado a nossas vidas. O primeiro aspecto revela a civilização como articulação da natureza, o segundo a revela como articulação da mente. A visão sinóptica dos dois aspectos, dificilmente alcançável, revelaria a civilização como articuladora de algo. Articular é escolher entre as virtualidades aquelas que serão realizadas. A civilização é um processo que escolhe; determina quais as virtualidades que serão realizadas. As diferentes civilizações se distinguem pelos conjuntos de virtualidades que escolheram.

O verbo "escolher" em grego é "krinein". A civilização é um critério pelo qual algo é criticado. Essa crítica tem por meta a realização do criticado. Quando a meta fôr alcançada, o critério entra em crise. A crise é o trecho entre a realização de um critério e o surgir de outro. Há dezenas de anos a nossa civilização está em crise. As virtualidades que escolheu, e que articulou na forma de instrumentos, instituições e valores, estão se aproximando, rapidamente, de realização derradeira. Em consequência, está adquirindo o nosso cosmos aquele rigor característico da morte, e as nossas vidas aquele sabor característico de "fin de siècle". Simultaneamente surgem os primeiros sintomas de um critério novo. As manifestações da civilização são, atualmente, ambivalentes. Atestam o critério cansado, e procuram articular o critério novo.

A crise como situação existencial é a um tempo angustiante e aventureira. É angustiante, enquanto ainda fechada no critério superado. É aventureira, enquanto já vislumbra o critério novo. É a situação na qual estamos como ocidentais, e, mais especificamente, como brasileiros. O Brasil é uma das partes do Ocidente nas quais a crise do Ocidente procura mais insistentemente desfecho. É angustiante e aventureiro viver-se no Brasil atualmente. Embora seja uma das partes menos realizadas, ("subdesenvolvidas"), é também um dos poucos lugares nos quais as tentativas pioneiras da procura de um critério novo surgem. Isto se explica. Por não se ter ainda totalmente realizado, no Brasil, o critério antigo, permite uma visão mais aberta daquelas partes do Ocidente que se aproximam do esgotamento. Talvez por estar "subdesenvolvido", é o Brasil um dos pontos avançados do Ocidente em crise.

As manifestações da civilização brasileira atual são manifestações de crise aguda. Um dos símbolos da crise é o cavalo azul, mediador entre dois reinos. Nas pinturas etruscas transporta as almas de uma vida para a outra. O cavalo é uma forma de ser que, se vista simbolicamente, é e não é "desta terra". Deixa a gratidão à qual está sujeito. Toca, levemente, a terra com a ponta dos quatro pés, mas somente como que para alçar vôo. O cavalo azul quase já alçou

VILÉM FLUSSER

vão. No cavalo azul a cavallidade está prestes a romper as algemas da particularidade. Simbolisa, nessa cavallidade extrema, aquele estágio da crise que rompe as algemas. É por isto que foi escolhido como símbolo desta revista. O propósito da revista está implícito na análise da nossa situação como situação de crise. Pretende ser um dos palcos, nos quais as manifestações da civilização brasileira se apresentam em sua procura de critério novo. Essa procura se processa em muitos campos de realização, e parte de múltiplos planos. Arte, ciência, literatura e filosofia são alguns desses campos. Engajamentos e despreendimento são os planos de partida. A todos eles está aberta esta revista. Todas essas tentativas têm uma meta em comum: superar a crise. Estabelecer um cosmos novo em nosso redor, e dar novo significado às nossas vidas. Esta é a meta da civilização brasileira como uma das pioneiras do Ocidente. E o propósito desta revista é o de ser útil nesse empreendimento. Convida pois a todos que com ela compartilhem o senso de urgência, que com ela colaborem ativa ou passivamente na perseguição da meta. É uma meta que não será alcançada por nossa geração, nem, talvez, pela seguinte. Mas ter meta, não é isto sinónimo de ter um propósito na vida?